



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

DE FORA PARA DENTRO: A MORTE DE DARIO ARGENTO

KERNISKI, Matheus¹

RESUMO: Se existe algo que foi há muito tempo natural para a pintura – e em outras artes, como a literatura e a música – certamente é o caso dos discípulos que buscavam se aproximar de seus mestres, ou seja, do seu ideal, chegando para esse fim até a refazer algumas das obras das gerações que os precederam. Reside aí uma das maneiras de se inovar na arte, premeditada pelo trabalho duro em cima do gênio, na busca do seu próprio gênio. “É daí que temos que partir”, já dizia Rivette ao escrever sobre Viagem à Itália. Desse encaminhamento, ou reinventa-se uma concepção de outrora, ou promove-se uma ruptura consciente desse ponto em prol de algo novo. O cinema já produziu tanto casos da primeira (James Gray, Philippe Garrel) como da segunda (Orson Welles, o próprio Rivette), sendo delicado discutir noções de clássico e moderno entre esses inovadores. Dessa chave, produz-se até certos híbridos dessas duas vertentes. Entre eles, nomes que vão desde Samuel Fuller até Dario Argento, que é o foco desse estudo. Ao evocar a devoção ao mestre, vários nomes podem ser suscitados para se entender as origens do cinema do italiano. Por hora, apenas um regresso à Alfred Hitchcock é necessário para abrir uma das questões centrais da obra de Dario Argento. Hitchcock costumava dizer que toda cena de relação amorosa entre dois personagens é um ménage a trois. A consumação do ato amoroso não se dá apenas através do desejo dos dois personagens em cena. Há sempre a possibilidade de intervenção do diretor nesse ato, com seus próprios desejos e obsessões diante do que está sendo filmado. Argento entenderá essa relação perversa que transpassa pela obra de seu mestre e a levará à outros extremos. Alain Bergala tratará da relação dos diretores diante de suas personagens no cinema moderno através de um texto sobre Bergman, Mizoguchi e Rossellini, onde examina as quebras no contato com as suas criações e ruptura no escopo de intervenção em seus universos. Chegamos ao campo onde o criador – em toda onisciência e onipotência de sua narrativa – não mais apenas a conduzirá, sem julgamentos ou intervenções, mas irá descer de seu Olimpo, do estóico fora de quadro,

¹Matheus Kerniski é graduando em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

mkerniski@gmail.com

para agir fisicamente em seus filmes. Da invisibilidade à evidência. O notório poderá ser percebido no enlace entre o diretor apaixonado tanto por sua atriz quanto pela sua personagem. Manifesta-se o peso da presença do diretor no que está sendo visto. Howard Hawks disse para Lauren Bacall que Humphrey Bogart havia se apaixonado não por ela, mas por Marie ‘Slim’ Browning, sua personagem em Uma Aventura na Martinica, então era melhor que ela continuasse atuando pelo resto da sua vida. Nessa relação, Bergala nota que nascerá diante do criador uma mulher real e uma idealizada. Suas projeções se encontrarão na personagem que não é apenas uma representação, como na pintura ou literatura, mas uma atriz de verdade, de carne e osso. Existirá a possibilidade de um contato carnal com sua personagem, que antes era apenas uma divagação abstrata do anseio e paixão do seu realizador. A assimilação de Dario Argento dessa ruptura entre criador e criatura será brutal. Depois do levantamento dessa máxima hitchcockiana, é necessário retornar agora a outro fundamento de Hitchcock: “Filme seus assassinatos como cenas de amor, e filmes suas cenas de amor como assassinatos”. Dario Argento levará tal questão literalmente nos seus filmes. Ao se dar conta de sua presença irrevogável no confronto com as personagens de seu mundo, Argento não hesitará em promover, durante O Pássaro das Plumas de Cristal até Terror na Ópera, uma descida violenta para dentro do campo de suas ficções, para o interior de sua própria ação. É na consciência dessa relação “à três” entre seus assassinos e vítimas que o embate fundamental de sua obra irá se manifestar. Dario Argento deseja ser o único responsável pelas mortes de seus filmes. Um assassino maior que qualquer outro imaginado ou criado por ele. Nasce aí uma relação de ciúmes com aqueles que conseguem realizar tal feito nas suas obras. Não existirá espaço nesse cinema para qualquer intervenção que não parta de seu criador, ou pelo seu criador. O extremo ao qual Argento levará a relação diretor-assassino-vítima se dá na ciência de que o ato de amar e o de matar serão aqui a mesma coisa, ambos caminhando sob um mesmo compasso. Ama-se, por que se mata, e vice-versa. E como vimos anteriormente, Argento assimilará essas duas lições hitchcockianas em total consonância com essa nova relação do criador e criatura, que engendra esse contato expoente da criação em nome de seu ideal, e já que o que move a criação nesse meandro é o ato de amar, podemos dizer que Argento então nos leva a concluir que esse ato de criar – como o de amar – é também outro nome para o ato de matar. Uma perversa relação entre essas três ações tem início,



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

e com elas também um exuberante tratado sobre os fundamentos da autoria, percorrido por modelos femininos cada vez mais aperfeiçoados, e entenda-se por isso um desfile em respeito à beleza por corpos esculpidos para fins mortuários, que projetam no imaginário do diretor suas inquietações primordiais, ainda que por vias oblíquas. Em face desses levantamentos, Argento deseja ser parte da perfeição criada por si mesmo. É a busca da maneira de poder brincar no seu próprio jogo, nas suas próprias regras, através tanto do repertório que lhe é caro e tanto daquele que ainda está para ser descoberto na progressão de seu próprio andamento, ou seja, de seu gênio. Esse estudo pretende denotar como através de uma série de filmes Dario Argento tentará violentamente interferir em suas criações, até chegar ao centro delas. É preciso estar lá também. Trata-se de uma questão de presença.

PALAVRAS-CHAVE: Argento, autorismo, horror, morte.